

# CONHECENDO A NATUREZA, DEFENDENDO A VIDA: UM ELO ENTRE UNIVERSIDADE E COMUNIDADE

*Lucia Helena Soares e Silva  
Conceição Eneida dos Santos Silveira  
Ana Beatriz Duarte Vieira*

## **RESUMO**

O Projeto de Extensão de Ação Contínua (Peac) Conhecendo a natureza, defendendo a vida foi criado e está sendo desenvolvido desde 2002 na Escola Classe 415 Norte, situada no Plano Piloto do Distrito Federal, e oferece Educação Infantil e a primeira fase do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). O projeto tem como carro-chefe o ensino de Botânica nas primeiras etapas da vida escolar, visando a familiarização dos estudantes com as ciências desde o princípio de sua vida escolar, evitando a rejeição frequentemente observada na vida universitária. Esperamos ajudar a nascer, na criança, amor e respeito pela natureza baseado no conhecimento adquirido. O projeto não ensina apenas sobre plantas, mas tenta mostrar ao estudante que elas não vivem sozinhas e se relacionam umas com as outras e até com outros grupos como os animais, algas e fungos. É dessa maneira multidisciplinar sendo que a cada edição conta com a participação de profissionais de diversas áreas do conhecimento, tais como: Zoologia, Física, Química, Paleontologia, Artes Plásticas, Astronomia. Os trabalhos confeccionados pelos alunos durante as oficinas de trabalho têm sido apresentados anualmente na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, na qual o projeto mantém um estande desde a primeira edição.

**Palavras-chave:** botânica na escola; meio ambiente; educação ambiental

## **ABSTRACT**

The Project of Continuous action Knowing the nature, defending the life, was created and is being developed since 2002 in the Escola Classe 415 Norte, situated in the Pilot Plan of the Federal District, and offers to Infantile Education and the first phase of Primary School (1º to 5º year). The project has as principal focus the teaching of Botany in the first stages of the scholar life, aiming at the familiarization of the students with sciences, avoiding the observed rejection frequently in the university life. We wait to help to be born, in the child, love and respect for the nature based on the acquired knowledge. The project does not teach only on plants, but it tries to show to the student who they do not live alone but related to each other and with other organisms such as animals, algae and fungi. It is in this way multidisciplinary being that to each edition it counts on the participation of professionals of several areas of the knowledge, such as: Zoology, Physics, Chemistry, Paleontology, Arts and Astronomy. The result of the works has been exhibited annually in the National Week of Science and Technology, where the project keeps one stand since the first edition.

**Keywords:** botany at the school; environment; environmental education.

No ano em que a Universidade de Brasília comemora seu 50o ano, o Projeto de Extensão de Ação Contínua (Peac) *Conhecendo a natureza, defendendo a vida* completa uma década de existência levando a alunos da rede pública, no início de suas vidas acadêmicas, a possibilidade de construir uma história de harmonia com o meio em que vivem.

A tarefa, ainda pouco abraçada, de levar o conhecimento adquirido na academia para a base da formação do aluno (Educação Infantil e Ensino Fundamental) faz toda a diferença. As informações recebidas, de maneira lúdica, passam a fazer parte do cotidiano da criança e dessa forma encarada como natural. É desse início de formação que o projeto investe em fazer parte.

Trabalhando ao longo de uma década com um universo relativamente pequeno de cerca de 370/430 alunos/ano, o projeto *Conhecendo a natureza, defendendo a vida* já colhe os primeiros frutos: alunos da Escola Classe 415 Norte não sonham hoje em ser apenas médicos, advogados ou engenheiros, sonham, também, em ser botânicos e alguns depoimentos emocionaram componentes da equipe com novas perspectivas em suas vidas.

Em excelente artigo intitulado Política Nacional de Extensão: perspectivas para a universidade brasileira, Maciel (2010) ressalta a importância da universidade como um valioso instrumento para o desenvolvimento da educação, da saúde, da cultura e da economia do Brasil.

Não é tarefa fácil lutar para estabelecer o equilíbrio tão desejado entre ensino, pesquisa e extensão nas universidades, principalmente quando uma enorme parcela, se não a maioria, de seus atores acredita que o pesquisador mais valioso é aquele que recheia seu currículo com artigos científicos, publicados em periódicos de alto impacto e que lhes dão o *status* desejado, deixando em segundo e terceiro planos (nessa ordem) a atenção ao ensino e à extensão. Não estamos aqui negando a importância e o papel do pesquisador, em absoluto, mas somos contra a destoante importância dada à pesquisa, nas universidades, em detrimento da extensão. Somos contra aqueles que acreditam serem os extensionistas, profissionais menos capacitados e de menor importância no cenário nacional.

Os propósitos de educadores como Paulo Freire e Darcy Ribeiro eram justamente fazer das universidades pontos de partida para o desenvolvimento do país, produzindo conhecimento e transferindo-os para a sociedade, contribuindo assim para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do Estado (FREIRE, 1986; RIBEIRO, 1986). Nesse sentido, a preocupação da equipe encontra-se em perfeita consonância com os pensamentos desses mestres.

Tem sido louvável o esforço do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília que nos últimos anos tem projetado as atividades extensionistas para um patamar mais condizente com sua importância. Outro ponto importante a ser ressaltado é a valorização e o reconhecimento do profissional que além de exercer funções de ensino e pesquisa, ainda se dedica a atividades extensionistas. Neste aspecto ainda teremos que caminhar muito para chegarmos ao ponto de valorização dos executores e incentivo ao alunado para se inserirem em atividades além daquelas de ensino e pesquisa. A extensão precisa receber a valorização e a atenção necessárias para que mais profissionais se interessem por ela. Atualmente aqueles que dedicam-se aos três grupos de atividades: ensino, pesquisa e extensão são penalizados quando da análise de seus currículos visando progressão funcional ou apoio de agências de fomento. Uma vez tendo o dia 24h para todos, aqueles que empregam parte de seu tempo em projetos e atividades de extensão, têm obviamente menos tempo dedicado à pesquisa e redação de artigos científicos, mas nem por isso desenvolvem atividades menos importantes.

## COMO NASCEU O PROJETO

---

O projeto foi criado em 2002, mas muito antes disso já havia sido estabelecida, em 1998, uma parceria entre a Universidade e a Escola Classe 415 Norte, na gestão da professora Nailda Maria da Rocha (diretora) e Kenia Maria Soares (vice-diretora). Ambas as professoras estiveram atentas para identificar dentre os pais dos alunos, parceiros que pudessem apoiar o ensino nas mais diversas áreas do conhecimento. Por ser uma escola pública cujo desempenho a torna umas das dez melhores do Distrito Federal, recebe muitos filhos de professores da Universidade de Brasília, ávidos em proporcionar aos seus descendentes um ensino de qualidade. E tem sido este um filão bem aproveitado: pais com altos níveis de formação e dispostos a doar uma pequena parcela do seu tempo ajudando a escola, verdadeiros amigos da escola.

Foi dessa forma que aconteceu a aproximação da professora Lucia Helena Soares e Silva com a escola. Recém-chegada à UnB, no ano de 1997, matriculou dois de seus filhos na E.C. 415 Norte, por indicação de amigos, que ressaltaram a excelência da instituição. A participação como mãe durou pouco mais de uma década (1997-2007), já a participação como parceira da escola vai mais além. Como bióloga de formação e pós-graduada em Botânica, vários eram os campos possíveis de apoio. Um deles e que se configurou como o pontapé inicial para o surgimento do projeto, foi a solicitação para identificação das espécies de ipês,

que comporiam o Bosque dos Ipês, implantado em 2002, no Parque Ecológico e de Uso Múltiplo Olhos D'água, vizinho à escola. Sua experiência como professora de Botânica para alunos dos cursos de Biologia, Agronomia e Engenharia Florestal, em três universidades públicas: Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual de Londrina e Universidade de Brasília, foi outro ponto que pesou na decisão de criar o projeto.

De um modo geral, estudantes mostram-se desestimulados para estudarem Botânica, ainda mais quando tais disciplinas são obrigatórias em seus currículos, neste caso são ainda mais rejeitadas. Talvez tal desinteresse seja consequência da falta de conhecimento, ou seja, da ignorância no assunto e, neste caso então, os alunos poderiam ser considerados “vítimas” da situação, tendo que cursar disciplinas da qual têm pouca ou nenhuma base e que não aprenderam a gostar.

A Botânica, trabalhada diluidamente na matéria Ciências de modo geral, é mal vista e mal compreendida durante os primeiros ciclos de formação do estudante e esse lapso se estende para o Ensino Médio. Muitas vezes, ainda, tal matéria não é compreendida pelos próprios professores, e quando se desconhece o assunto, não há como transmitir informações corretas e entusiasmadas aos estudantes. Esperamos dar pequenos passos para desmistificar a Botânica, essa grande vilã da Biologia.

Em 2005, o projeto recebeu outras duas integrantes permanentes (professoras Conceição Eneida e Ana Beatriz) que possibilitaram que o mesmo alargasse seus horizontes.

## COMEÇANDO DO COMEÇO

---

Muitas vezes os projetos de extensão, no âmbito educacional, desenvolvem suas atividades com alunos do Ensino Médio ou a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, trabalhando com crianças entre 11-12 anos, por julgarem que só nessa faixa de idade, os estudantes apresentam maturidade para compreender os processos biológicos. Porém, se quisermos influenciar a formação intelectual da criança é preciso começar cedo. No que se refere ao campo ambiental não é diferente e para introduzir conceitos, desmistificar crenças e solidificar conhecimentos, é preciso trabalhar com o estudante quando ele ainda não recebeu o pacote de informações sobre o assunto e não adquiriu pré-conceitos.

Por isso o foco do projeto se concentra na Educação Infantil e na primeira fase do Ensino Fundamental, compreendendo alunos entre 4 e 10 anos de idade. O indivíduo precisa conhecer o universo e a realidade que o cerca, compreender o funcionamento da vida e a importância e o papel de cada organismo para poder utilizar e manejar os recursos naturais disponíveis, respeitando e preservando o meio de forma a mantê-lo equilibrado.

## NOSSA MISSÃO

---

O projeto Conhecendo a natureza, defendendo a vida foi criado com dois objetivos principais: 1) oferecer informações botânicas de cunho científico aos estudantes da Escola Classe 415 Norte, ressaltando sua conectividade com outras ciências e o meio ambiente; e 2) capacitar professores da rede pública de ensino em assuntos relacionados à vida, para que fossem multiplicadores dessas informações.

Por entendermos que o estudo das plantas não pode ser dissociado de outros grupos com os quais interage, o projeto, desde seu início, preocupou-se em contextualizar suas atividades, mostrando ao estudante que as plantas apresentam relações com outros seres vivos e seu meio e por isso deve ser estudada como parte de um emaranhado sistema. Nunca foi foco induzir a formação dos estudantes para uma ou outra área do conhecimento, o que se pretende é oferecer conhecimento e base para que cada um siga seus próprios passos na busca de suas carreiras, mas de forma consciente e respeitosa.

## MULTIDISCIPLINARIDADE

---

Na maior parte das edições anuais do projeto, a Botânica foi abordada em parceria com outras áreas como: Zoologia (2002-2004), Paleontologia (2004), Química e Física (2005), Astronomia (2006), Enfermagem (2006-2009) e Artes Plásticas (2009, 2011). Nos anos de 2007-2008 e 2010 foram abordados apenas temas botânicos: Fitoterapia e a Recuperação de Áreas, respectivamente, os quais demandam muito trabalho.

A cada ano, após ser escolhido o tema, as atividades consistiam em: capacitar os professores para que estes pudessem compreender o assunto abordado e acompanhar os alunos em suas atividades; assistir os alunos em sala; promover palestras e propiciar visitas ao campo para observação dos vegetais in loco. Foi uma preocupação da equipe, desde o início, mostrar aos estudantes que as matérias aprendidas na escola não são estanques, mas se relacionam e que o estudo de uma pode facilitar o estudo de outra.

Na Escola, cada professor com a coordenação, construía um projeto pedagógico para ser desenvolvido ao longo do ano. Os resultados, ou seja, os trabalhos confeccionados eram, a cada ano, expostos na Feira de Ciências da própria escola e nos últimos sete anos vêm sendo também apresentados na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, organizada pelo Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT).

As atividades desenvolvidas no primeiro ano do projeto (2002) permearam duas áreas: Zoologia (sob a coordenação do professor Paulo César Motta, do Departamento de Zoologia da UnB) e Botânica (sob orientação da professora Lucia Helena Soares e Silva. Foram oferecidos, aos professores, dois cursos de capacitação com 40 horas de duração cada:

Botânica, para os professores do matutino e Zoologia para os do vespertino, com aulas teóricas e práticas. Os assuntos estavam relacionados com a morfologia dos vegetais e dos animais, suas funções e importância para o meio ambiente.

No segundo ano do Projeto (2003), optamos por dar continuidade às atividades de Botânica e Zoologia, contando com a mesma equipe de professores orientadores. Essa estratégia foi benéfica ao projeto, pois foi possível aprofundar o assunto iniciado no ano anterior. Para tanto, foram escolhidas 7 espécies frutíferas nativas do Cerrado como objeto de estudo: Buriti (*Mauritia flexuosa*), Cagaita (*Eugenia dysenterica*), Cajuí (*Anacardium humile*), Jatobá (*Hymenaea stigonocarpa*), Lobeira (*Solanum lycocarpum*), Mangaba (*Hancornia speciosa*) e Pequi (*Caryocar brasiliense*). Nos trabalhos foram abordados aspectos morfológicos das plantas pelos alunos do matutino e o estudo de suas interações com os animais (como polinizadores e dispersores) pelos alunos do vespertino.

O estudo incluiu visita ao campo (Jardim Botânico de Brasília e Fazenda Água Limpa-UnB), para que alunos e professores conhecessem as espécies *in loco*, os habitats dos animais e plantas e fizessem coleta de sementes e de eventuais visitantes e potenciais polinizadores das plantas para estudos posteriores em sala. Ainda foram realizadas práticas de germinação para algumas das espécies (jatobá, cajuí e cagaita) e acompanhamento do desenvolvimento das plântulas na sala de aula e no viveiro de mudas da Prefeitura da Universidade de Brasília, que gentilmente cedeu espaço na estufa para o desenvolvimento das atividades do Projeto.

No ano seguinte (2004) e já com uma bagagem razoável adquirida nos dois anos anteriores, foi possível agregar novos conhecimentos e assim, além de Botânica e Zoologia, a Paleontologia foi objeto de estudo. O objetivo era mostrar aos alunos que a história das plantas e dos animais não é recente e que há milhares de anos viveram outras espécies, mas, que por alguma razão, se extinguíram da superfície terrestre, deixando pistas, os fósseis, os quais podem ser estudados, revelando o clima, os hábitos alimentares, dentre outras informações da era em que viveram.

Nesse ano foram programadas palestras abordando temas variados como: a vida das algas de água doce; paleontologia (incluindo os dinossauros); dispersão de frutos e sementes e biologia dos invertebrados. As palestras foram ministradas no Auditório Dois Candangos, da Faculdade de Educação da UnB, para cerca de 400 alunos, em dois turnos. Após as palestras acontecia debate entre os estudantes e os palestrantes.

As palestras foram proferidas por pesquisadores de cada área do conhecimento e em algumas situações houve performance por parte destes, como por exemplo, o professor de Paleontologia – Dermeval A. do Carmo chegou caracterizado como pale-



Figura 1. Alunos da Escola Classe 415 Norte em visita ao Parque Olhos d'Água, Brasília, DF. Ano 2002

Arquivo do projeto



Figura 2. Alunas da E.C. 415 N acompanhadas da professora

Arquivo do projeto





Acervo do projeto

ontólogo, portando inclusive o martelo apropriado para quebrar rochas na busca de fósseis e a professora de Botânica Criptogâmica – Maria das Graças Machado de Souza usou uma fantasia (túnica) de *Cosmarium* (Chlorophyta – alga verde). As crianças se divertiram e aprenderam. Estes foram alguns dos recursos utilizados para ensinar botânica ludicamente, aproveitando o imenso imaginário infantil.

Foi uma experiência muito rica e produtiva, pois além do conteúdo absorvido, os estudantes tiveram a oportunidade de visitar uma instituição de ensino superior como a Universidade de Brasília e, de certa forma, quebrar a barreira existente entre esses dois mundos: o do Ensino Fundamental e o da universidade. Colocar a criança em contato com um universo tão diverso ajuda a aproximá-la de uma realidade que no futuro poderá ser sua.

Em 2005, ano internacional da Física, convidamos profissionais da área, também professores da Universidade de Brasília, para aderirem ao projeto. Os alunos conheceram a Experimentoteca (conjunto de aparelhos onde se pode “brincando” compreender fenômenos físicos) supervisionados pela professora Maria de Fátima da Silva Lettere e pelo professor Erivaldo Cavalcanti Borges Pimentel, do Instituto de Física. A Química também foi convidada e sob supervisão do professor Gérson Mol, do Laboratório de Ensino de Química (Lepeq), os alunos presenciaram diversas experiências químicas, tendo uma vivência bem diferente daquela do dia a dia deles.

Ainda como atividade do projeto de Física, foi construído e inaugurado em 2006, um relógio do Sol no Parque Olhos D’água. O evento de inauguração contou com a presença dos alunos da Escola e da imprensa que receberam as orientações de leitura das horas e um pouco de história, diretamente do professor de Astronomia do Instituto de Física da UnB e responsável científico pelo projeto do relógio, Leonardo Ferreira.

Em 2006, o foco do projeto esteve voltado à recuperação de áreas degradadas, desmatadas e antropizadas e como parte das atividades, foi iniciado um plantio de árvores nativas, na porção sudeste do Parque Olhos D’água, visando recompor 1 (um) hectare (ha) de Cerrado, utilizando espécies de Cerrado típico e de Mata de galeria. A ideia foi a de trazer o Cerrado para perto da comunidade, possibilitando aos visitantes a visualização e o conhecimento de espécies típicas desse bioma, em uma área urbana.

**Figuras 3 e 4.** Dois dos trabalhos produzidos durante o projeto no ano de 2003



Acervo do projeto

A escolha das espécies, utilizadas no plantio, foi baseada em dados disponibilizados por Silva Jr. (2005, 2009) do Departamento de Engenharia Florestal da UnB, resultado de estudos florísticos e fitossociológicos realizados no Bioma. A partir de uma lista com as 100 espécies mais representativas do cerrado, com número médio de indivíduos/ha, foram selecionadas espécies com mudas disponíveis no viveiro da Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Dessa forma foram plantadas 44 mudas de pau-terra-de-folha-grande (*Qualea grandiflora*); 28 mudas de pequi (*Caryocar brasiliense*); 7 de araticum (*Annona crassiflora*), 5 de ipê-caraíba (*Tabebuia aurea*) e assim por diante.

O local exato do plantio, de cada uma das 300 mudas, foi determinado por meio de um jogo de dados criado para este propó-

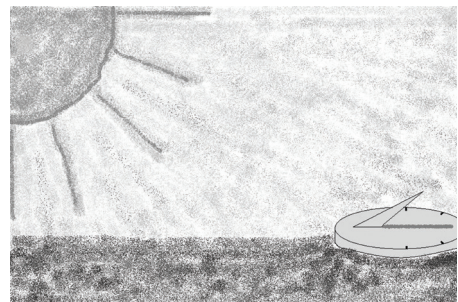


Acervo do projeto

**Figuras 5 e 6.** Inauguração do Relógio do Sol no Parque Olhos d’Água em 2006 com a presença do Professor de Astronomia Dr. Leonardo Ferreira e da Profa. Lucia Helena.



Acervo do projeto



Acervo do projeto

**Figuras 7.** Ilustração do mesmo feito por um estudante





Acervo do projeto



Acervo do projeto



Acervo do projeto

Figuras 8, 9 e 10. Estudantes no Parque Olhos d'Água para o plantio de mudas nativas em 2006

sito. O mesmo simulava a queda dos diásporos (sementes ou frutos) no solo, tornando a distribuição das mudas, na área, mais próxima do real. A “brincadeira” consistia em jogar um dado (cada jogada correspondente a uma muda), a certa altura do tablado [painel quadrado de madeira, de 100 cm de lado com subdivisões a cada 10 cm, simulando a área de plantio de 1 ha (100 x 100 m)] e o ponto de parada deste representava o local de plantio de determinada muda. A cada jogada, feita por um aluno, um ponto no tablado era marcado. Os pontos foram posteriormente transferidos para um mapa que serviu de guia para o plantio. Assim foi determinada uma distribuição ao acaso para as mudas, mostrando às crianças que a queda de uma semente ou fruto no solo não está previamente determinado mas caem no solo ao acaso ou são transportados de alguma forma e ali podem ou não germinar.

Todas as mudas foram fornecidas pelo Viveiro II da Novacap, parceira do projeto. Várias delas receberam placas de identificação, com dados da espécie e do aluno que a adotou. Este exercício contribuiu para a criação de laços afetivos entre aluno e a árvore, estimulando a vontade de cuidar da mesma.

Em 2007, foi inserido um novo viés ao projeto, trabalhando a integralidade da saúde na escola. Os alunos produziram mudas e cultivaram plantas medicinais e hortaliças nos canteiros da escola e aprenderam sobre a importância destas plantas na nutrição

e na saúde. Cada turma ficou responsável pelo plantio e cultivo de uma espécie medicinal e uma hortaliça. As características morfológicas dos diferentes órgãos vegetais (folha, caule, raiz, flor, fruto e semente) foram estudadas in loco, nas diversas espécies, como as hortaliças e medicinais elencadas a seguir: Hortaliças (agrião - *Nasturtium officinale*; alface - *Lactuca sativa*; alfavaca - *Ocimum basilicum*; beterraba - *Beta vulgaris*; cebola - *Allium cepa*; cenoura - *Daucus carota*;



Acervo do projeto



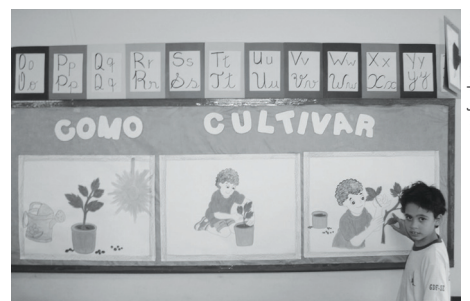
Acervo do projeto

Figuras 11 e 12. Plantio de mudas de plantas medicinais e hortaliças pelos alunos

coentro - *Coriandrum sativum*; couve - *Brassica oleracea*; feijão - *Phaseolus vulgaris*; orégano - *Origanum vulgare*; quiabo - *Abelmoschus esculentus*; rabanete - *Raphanus sativus*; rúcula - *Eruca sativa*; salsa - *Petroselinum sativum* e tomate - *Solanum lycopersicum*); Medicinais (arruda - *Ruta graveolens*; artemísia - *Artemisia vulgaris*; boldo - *Plectranthus barbatus*; camomila - *Matricaria chamomilla*; capim-limão - *Cymbopogon citratus*; carqueja - *Baccharis trimera*; erva-cidreira - *Melissa officinalis*; erva-doce - *Pimpinella anisum*; hortelã - *Mentha piperita*; poejo - *Mentha pulegium* e quebra-pedra - *Phyllanthus niruri*).

Em 2008, o tema adotado foi o mesmo da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia: *Mudanças climáticas globais: causas, efeitos e soluções para melhorar a saúde da Terra*. Dentre as atividades destacamos a realização, na escola, de oficinas sobre reciclagem e a inauguração, no Parque Olhos D'água, da trilha Conhecendo o Cerrado, na qual os alunos identificaram com placas exemplares nativos de espécies estudadas durante o ano: cagaita (*Eugenia dysenterica*), Ipê-caraíba (*Tabebuia aurea*), Pau-santo (*Kielmeyera coriacea*), Lobeira (*Solanum lycocarpum*), Coco-babão (*Syagrus flexuosa*), Aroeira (*Schinus terebinthifolius*) e Pequi (*Caryocar brasiliense*).

Em 2007, juntou-se ao projeto uma equipe do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, coordenada pela professora Ana Beatriz Duarte Vieira, que introduziu práticas de relaxamento ao contexto escolar com o pro-



Acervo do projeto

Figura 13. Feira de Ciências em 2007



**Figuras 13 e 14.** VIII Semana de Extensão da UnB (2008): inauguração da trilha “Conhecendo o Cerrado” e plantio de Ipê no Parque Olhos d’Água

observado que as crianças voltavam para a sala de aula em estado de agitação, além de algumas situações relacionadas a quedas e acidentes provocados pela falta de espaço físico e pelas brincadeiras organizadas pelas próprias crianças. Diante do exposto, foi pensado o desenvolvimento de um projeto piloto naquele ano, com a inserção de práticas de relaxamento realizadas uma vez ao mês, proporcionando o primeiro contato das crianças com a atividade proposta e observando a sua aceitação.

No ano seguinte, as atividades seguiram uma proposta metodológica interventiva, por meio de atividades lúdico-criativas, que possibilitaram a inclusão da prática meditativa no cotidiano escolar. Portanto, a frequência para a realização da prática evoluiu gradativamente de mensal para quinzenal até a realização diária. Considera-se que a prática meditativa tornou-se uma cultura para aquela escola, consolidando-se a partir de 2008. Tanto professores e estudantes como servidores e pais que já conheciam a atividade passaram a realizar a prática em momentos diversos dentro do contexto escolar.



**Figura 15.** Professoras Lucia Helena, Ana Beatriz e Conceição Eneida (da dir. pra esq.), durante apresentação na Feira de Ciências de 2007 o Cerrado” e plantio de Ipê no Parque Olhos d’Água

As atividades sempre foram desenvolvidas trazendo a temática da integralidade da saúde – física, mental, emocional, espiritual, tendo como objetivo proporcionar ações para o autocuidado com vistas a alcançar a harmonização, o equilíbrio e a paz interior para si e para os outros, contribuindo para a formação de cidadãos mais humanos e mais saudáveis para melhor servir ao nosso país e a toda a humanidade.

No ano de 2009 a ideia foi o de mostrar aos estudantes que é possível aprender Botânica fazendo Arte. Dessa forma recebemos no Projeto a profaThérèse Hofmann-Gatti, do Instituto de Artes da UnB, e seus bolsistas que nos orientaram para que pudéssemos trabalhar o lúdico e o artístico ressaltando a importância da manutenção da vida. Planejamos inserir práticas de desenho, pintura e modelagem de estruturas botânicas utilizando os mais variados materiais. O uso do livro *Materiais utilizados em artes*, de autoria da profa Thérèse (HOFMANN-GATTI, 2007) foi o norteador das técnicas introduzidas. Nele, a autora ensina a confeccionar materiais a baixo custo a partir de matérias-primas facilmente obtidas.

Como uma das atividades, os estudantes foram levados para uma visita à Fazenda Água Limpa (UnB) para que pudessem registrar, por meio de desenhos, suas impressões sobre formas vegetais e paisagens. Foram divididos em grupos para observações distintas: horta, viveiro de mudas nativas, mata de galeria e canteiro de medicinais. Após a visita e recebimento de informações pelos funcionários da fazenda, os alunos registraram suas impressões com giz pastel. Esses trabalhos serviram de base para estudos em sala de aula. Outras atividades desenvolvidas durante o ano foram: modelagem de órgãos vegetais com papel machê, pintura e confecção de folhas de papel artesanal, incluindo fibras vegetais para dar mais cor e beleza às mesmas.

Em 2010, o projeto dedicou-se a intensificar o plantio de nativas no Parque Olhos D’água, iniciado em 2006. Um novo senso foi realizado e o que encontramos foi um número muito menor de árvores do que aquele que havíamos plantado da primeira vez. Após o plantio de 2006, as árvores foram deixadas aos cuidados da administração do parque e verificamos que a falta de cuidados no corte da grama e no coroamento das mudas, foram alguns dos fatores que levaram um grande número delas à morte.

Neste novo plantio, 200 mudas foram inseridas em berços abertos nos espaços deixados pelas árvores mortas ou em áreas menos densas. A escolha das espécies foi baseada, novamente, na listagem das 100 espécies mais comuns do Cerrado (SILVA JUNIOR et al., 2005, 2009) e na disponibilidade de mudas no Viveiro II da Novacap. Porém um novo desenho foi pensado para o espaço do plantio.

Desejando que a área fosse facilmente reconhecida pelos frequentadores do parque, resolvemos evidenciar cada lado do polígono com duas espécies arbóreas de cores seme-

jeto A integralidade da saúde na escola: ensina-me a crescer saudável, plantando amor e cultivando a paz.

Isso foi possível devido a uma solicitação de 2006, inicialmente informal, da diretora da escola –profa Nailda Maria Rocha à profa Beatriz, manifestando o desejo de realizar práticas de relaxamento com os escolares, na tentativa de diminuir o estresse provocado no horário do intervalo escolar, uma vez que havia observado

que as crianças voltavam para a sala de aula em estado de agitação, além de algumas situações relacionadas a quedas e acidentes provocados pela falta de espaço físico e pelas brincadeiras organizadas pelas próprias crianças. Diante do exposto, foi pensado o desenvolvimento de um projeto piloto naquele ano, com a inserção de práticas de relaxamento realizadas uma vez ao mês, proporcionando o primeiro contato das crianças com a atividade proposta e observando a sua aceitação.

No ano seguinte, as atividades seguiram uma proposta metodológica interventiva, por meio de atividades lúdico-criativas, que possibilitaram a inclusão da prática meditativa no cotidiano escolar. Portanto, a frequência para a realização da prática evoluiu gradativamente de mensal para quinzenal até a realização diária. Considera-se que a prática meditativa tornou-se uma cultura para aquela escola, consolidando-se a partir de 2008. Tanto professores e estudantes como servidores e pais que já conheciam a atividade passaram a realizar a prática em momentos diversos dentro do contexto escolar.

As atividades sempre foram desenvolvidas trazendo a temática da integralidade da saúde – física, mental, emocional, espiritual, tendo como objetivo proporcionar ações para o autocuidado com vistas a alcançar a harmonização, o equilíbrio e a paz interior para si e para os outros, contribuindo para a formação de cidadãos mais humanos e mais saudáveis para melhor servir ao nosso país e a toda a humanidade.

No ano de 2009 a ideia foi o de mostrar aos estudantes que é possível aprender Botânica fazendo Arte. Dessa forma recebemos no Projeto a profaThérèse Hofmann-Gatti, do Instituto de Artes da UnB, e seus bolsistas que nos orientaram para que pudéssemos trabalhar o lúdico e o artístico ressaltando a importância da manutenção da vida. Planejamos inserir práticas de desenho, pintura e modelagem de estruturas botânicas utilizando os mais variados materiais. O uso do livro *Materiais utilizados em artes*, de autoria da profa Thérèse (HOFMANN-GATTI, 2007) foi o norteador das técnicas introduzidas. Nele, a autora ensina a confeccionar materiais a baixo custo a partir de matérias-primas facilmente obtidas.

Como uma das atividades, os estudantes foram levados para uma visita à Fazenda Água Limpa (UnB) para que pudessem registrar, por meio de desenhos, suas impressões sobre formas vegetais e paisagens. Foram divididos em grupos para observações distintas: horta, viveiro de mudas nativas, mata de galeria e canteiro de medicinais. Após a visita e recebimento de informações pelos funcionários da fazenda, os alunos registraram suas impressões com giz pastel. Esses trabalhos serviram de base para estudos em sala de aula. Outras atividades desenvolvidas durante o ano foram: modelagem de órgãos vegetais com papel machê, pintura e confecção de folhas de papel artesanal, incluindo fibras vegetais para dar mais cor e beleza às mesmas.

Em 2010, o projeto dedicou-se a intensificar o plantio de nativas no Parque Olhos D’água, iniciado em 2006. Um novo senso foi realizado e o que encontramos foi um número muito menor de árvores do que aquele que havíamos plantado da primeira vez. Após o plantio de 2006, as árvores foram deixadas aos cuidados da administração do parque e verificamos que a falta de cuidados no corte da grama e no coroamento das mudas, foram alguns dos fatores que levaram um grande número delas à morte.

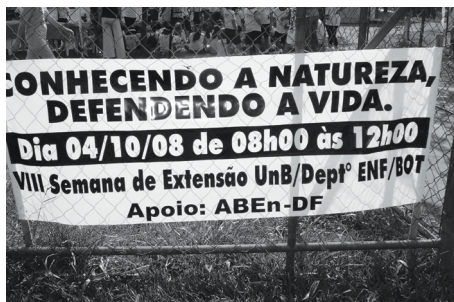
Neste novo plantio, 200 mudas foram inseridas em berços abertos nos espaços deixados pelas árvores mortas ou em áreas menos densas. A escolha das espécies foi baseada, novamente, na listagem das 100 espécies mais comuns do Cerrado (SILVA JUNIOR et al., 2005, 2009) e na disponibilidade de mudas no Viveiro II da Novacap. Porém um novo desenho foi pensado para o espaço do plantio.

Desejando que a área fosse facilmente reconhecida pelos frequentadores do parque, resolvemos evidenciar cada lado do polígono com duas espécies arbóreas de cores seme-



**Figura 16.** Profa. Conceição Eneida recebendo explicação dos estudantes





Acervo do projeto



Acervo do projeto



Acervo do projeto

**Figura 17.** VIII Semana de Extensão da UnB (2008)

**Figura 18.** Tai chi chuan com alunos da Escola Classe 415 Norte, no Parque Olhos d'Água

**Figura 19.** Momento meditação

lhantes ou combinantes, mas com florações e/ou frutificações em épocas distintas, procurando oferecer um visual agradável ao longo do ano. Para isso foram plantadas na linha sul, mudas de pau-santo (*Kielmeyera coriacea*) e embiruçu (*Pseudobombax tomentosum*), de flores brancas; na porção norte, cagaita (*Eugenia dysenterica*) e ipê-caraíba (*Tabebuia alba*) com frutos e flores amarelos, respectivamente; ao leste, pombeiro (*Tapirira guianensis*) e landim (*Calophyllum brasiliense*) com flores esverdeadas e a oeste, fisocalima (*Physocalymma scaberrima*) e ipê-branco (*Tabebuia roseo-alba*) flores roxas e brancas respectivamente. Na área interna às linhas foram plantadas diversas outras espécies e placas de identificação foram colocadas nas mudas com os dados da espécie e dos alunos que as adotaram, assim como já havia sido feito anteriormente.

Em 2011, 10o ano do projeto, as atividades foram desenvolvidas por meio de oficinas, sendo sete os temas propostos: montagem de Balde de cheiros (plantas aromáticas e medicinais); Pintura; Desenho; Mosaico; Modelagem com massa acrílica; Confecção de frutos do Cerrado em tecido e Modelagem de modelos fósseis com massa DAS (cerâmica fria).

Cada uma das 14 oficinas (7 turmas por período) foi ministrada por um professor, acompanhado na maior parte das vezes por um extensionista (bolsista do projeto ou aluno da pós-graduação). As atividades foram oferecidas na própria escola para que não houvesse necessidade de deslocamento dos alunos e/ou em área do Parque Olhos D'água (nas proximidades).

As plantas usadas como material (mosaico, molde de fósseis) ou como modelo (pintura, desenho, frutos em tecido) nas oficinas, foram temas de trabalhos e pesquisas em sala de aula para que os alunos pudessem conhecer o elemento de estudo. Dentre os vários aspectos estudados, estavam: nome popular, nome científico, usos e aplicações.

Em várias edições do projeto contamos com a participação de alunos da graduação (como bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão da UnB ou voluntários) e das pós-graduações em Biologia Animal (2004), Botânica (2004, 2011), Física (2005) e Paleontologia (2004).

## CONCLUSÃO

Este projeto tem sido um diferencial em nossas trajetórias acadêmicas com absoluta consciência de sua importância para a sociedade brasileira. Sabemos que muitos sonhos grandes começam em pequenos núcleos. E hoje já podemos afirmar que é possível inserir conceitos científicos, das mais variadas áreas do conhecimento, utilizando-se de ferramentas apropriadas, e obtermos excelentes resultados com estudantes de fases iniciais de ensino. Hoje sabemos que somos participantes da formação de cidadãos que compreendem que a espécie humana é apenas uma em meio a uma vasta diversidade e que somente respeitando as demais espécies e o meio em que todos estão inseridos, é possível alcançar equilíbrio e harmonia e termos esperança em um futuro com menos disparidades e desigualdades.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos aqueles que se dedicaram a esse sonho (professores, pais, comunidade, membros da Universidade de Brasília e da Escola Classe 415 Norte) e que acreditaram que doando um pouquinho do seu tempo a essa causa poderiam estar oferecendo “anos” de desenvolvimento para o nosso país. À Prefeitura do Campus Darcy Ribeiro-UnB, por atender nossas muitas solicitações. Aos engenheiros Édison de Oliveira Machado e João Carlos Nogueira de Castilho, Ceplan-UnB, dentre tantos auxílios, a construção do relógio do Sol. À Novacap pela doação das mudas. Ao prof. Manoel Cláudio da Silva Jr. da Engenharia Florestal-UnB, na disponibilização de seus dados. Enfim, a todos os colaboradores (professores, servidores, alunos de graduação e pós-graduação) que foram imprescindíveis ao projeto ao longo de toda sua jornada.



## REFERÊNCIAS

---

- FREIRE, Paulo. In: Domesticar e Libertar, SANTOS, Renato Quintino dos. *Educação e Extensão*. Petrópolis/RJ, Vozes. 1986.
- HOFMANN-GATTI, Thérèse; CASTRO, R. A. C.; OLIVEIRA, D. *Materiais em Artes: manual para a manufatura e prática*. Brasília, 140 p., 2007.
- HOUAISS, Antonio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetivo. 2001.
- MACIEL, Lucas Ramalho. Política Nacional de Extensão: perspectivas para a universidade brasileira. *Participação*: p.10, n.18, 2010.
- RIBEIRO, Darcy. *Universidade pra quê?* Brasília, UnB, 1986.
- SILVA JUNIOR, Manoel Cláudio da; SANTOS, Gilmar Correia dos; MUNHOZ, Cássia Beatriz Rodrigues & RAMOS, Alba Evangelista. *100 árvores do cerrado: guia de campo*. Brasília, Rede de Sementes do Cerrado. 278p. 2005.
- SILVA JUNIOR, Manoel Cláudio da & PEREIRA, Benedito Alísio da Silva. + *100 árvores do cerrado – Matas de Galeria: guia de campo*. Brasília, Rede de Sementes do Cerrado. 2009, 298p.

Recebido em março de 2012

Aprovado em junho de 2012

*Lucia Helena Soares e Silva é professora doutora, associada, do Departamento de Botânica, Instituto de Ciências Biológicas da UnB e coordenadora do projeto Conhecendo a Natureza, defendendo a vida, Isoares@unb.br*

*Conceição Eneida dos Santos Silveira é professora doutora, associada, do Departamento de Botânica, Instituto de Ciências Biológicas da UnB e coordenadora do projeto nos anos de 2007 e 2008, ccess@unb.br.*

*Ana Beatriz Duarte Vieira é professora doutora, do Departamento de Enfermagem, da Faculdade de Saúde da UnB e integrante do projeto, abd.vieira@gmail.com*